



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS PORTUGUÊS**

FABIANA PEREIRA DOS SANTOS

***O PEQUENO PRÍNCIPE PRETO:
ASPECTOS DE UMA REPRESENTAÇÃO ÉTNICO-RACIAL***

**GUARABIRA
2022**

FABIANA PEREIRA DOS SANTOS

O PEQUENO PRÍNCIPE PRETO:
ASPECTOS DE UMA REPRESENTAÇÃO ÉTNICO-RACIAL

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentado ao curso de Licenciatura Plena em Letras Português da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), como requisito parcial à obtenção do título de graduada em Letras Português.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Suely da Costa.

GUARABIRA

2022

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S543p Santos, Fabiana Pereira dos.
O pequeno príncipe preto [manuscrito] : aspectos de uma representação étnico-racial / Fabiana Pereira dos Santos. - 2022.
34 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2022.
"Orientação : Profa. Dra. Maria Suely da Costa , Departamento de Letras - CH."
1. Literatura infantil. 2. Afrodescendência. 3. Ancestralidade. I. Título

21. ed. CDD 028

FABIANA PEREIRA DOS SANTOS

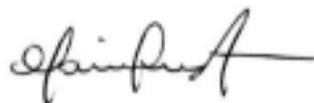
**O PEQUENO PRÍNCIPE PRETO:
ASPECTOS DE UMA REPRESENTAÇÃO ÉTNICO-RACIAL**

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentado ao curso de Licenciatura Plena em Letras Português da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), como requisito parcial à obtenção do título de graduada em Letras Português.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Maria Suely da Costa.

Aprovada em:30/03/2022.

BANCA EXAMINADORA



Prof.ª Dr.ª Maria Suely da Costa (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Eduardo Henrique Cirilo Valones (1ª Examinador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Felipe Pereira da Silva (2ª Examinador)
Universidade Estadual da Paraíba (PPGLI/UEPB)

Aos meus pais, pela dedicação,
companheirismo e amizade, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por, durante todo o curso, ter dado sabedoria e sustentado. Gratidão por está concluindo o curso. Faltou pouco para ter chegado a óbito no dia 02 de janeiro de 2022, com uma gravidez ectópica, a criança sendo gerada nas trompas, dando hemorragia que ocupou toda a barriga, a pressão ficou 6.4, recebi 6 (seis) bolsas de sangue. A cirurgia de emergência durou mais de 1 hora, sendo a primeira, realizada na cidade de Guarabira/PB, tendo em vista que meu corpo não resistia ao transporte para João Pessoa.

Agradeço ao coordenador do curso de Licenciatura plena em Letras Português.

À professora Maria Suely da Costa pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação acadêmica.

Aos meus pais (Izamarte e Francisco) e meus irmãos (Fernanda, Rafael e Ricardo) e meu esposo (Júnior) pelo apoio e incentivo.

A minha mãe pelos joelhos dobrados pedindo a Deus que me abençoasse.

Aos professores do curso de Licenciatura em Letras-Português da UEPB, Campus III- Guarabira, em especial, Rosângela, Paulo Ávila, Juarez, Eduardo Valones, Edilma, Flávio, Neni, Aline, Francinete, Iara e Fátima que contribuíram ao longo do curso, por meio das disciplinas e debates e para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos funcionários da UEPB, pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

Aos colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio!

Minha boca é grande e carnuda. Olhe o meu sorriso, como é simpático e bonito! Eu tenho nariz de batata. Eu adoro batata e adoro meu nariz. Meus olhos são escuros como a noite. Também existem olhos claros, mas gosto dos meus olhos como eles são. Porque são meus.

(FRANÇA, 2020, p.11)

RESUMO

Este trabalho, de viés bibliográfico, teve por objetivo apresentar uma leitura analítica da obra literária infantil ***O Pequeno Príncipe Preto***, do escritor Rodrigo França, com ilustração de Juliana Barbosa - uma produção desenvolvida em uma perspectiva afro-brasileira, destacando a desconstrução dos estigmas cristalizados com pensamentos de subjugação e opressão, herança da colonização europeia, a qual reproduz as ideias de um contexto considerado o centro do poder político, econômico, científico e cultural. Tal perspectiva de desconstrução tem contribuído para despertar o interesse pelo conhecimento afrodescendente como: ancestralidade, africanidade, colonização, globalização, memória cultura e descolonização. A abordagem apresentada sobre o universo africano, ainda pouco discutido na historiografia do país, foi o que colaborou para a escolha da temática. Buscando responder aos questionamentos dialogamos com diversos pesquisadores, tais como: Almeida (2021), Brasil (2014), Coelho (2000), França (2021), Silva (2018), Rodrigues e Pereira (2021), Duarte (2008), Ramose (2009), Graham (2009), Souza (2018), Camargo (2021), Lima (2006), Peixoto (2009), Mariosa e Reis (2011), Braga e Davi (2015) e Cavalcanti (2002) entre outros. Diante do exposto, é possível concluir que o acesso ao conhecimento de uma representatividade positiva tende a proporcionar além da aceitação da afrodescendência, uma mudança na autoestima.

Palavras-chave: literatura infantil; afrodescendência; ancestralidade.

ABSTRACT

This work, bibliographic slant, have by purpose to present a analytical reading of childhood literary book *The Little Black Prince*, from writer Rodrigo França, with Juliana Barbosa's Illustration – a production developed in a perspective afro-brazilian, highlighting the deconstruction of the crystallized stigma with minds of subjugation and oppression, heritage from European colonization, whom replicate the ideas of a context considered political power core, economic, scientific and cultural. Thus, this perspective of deconstruction, have contributed to awaken the interest by afrodescendant knowledge as: ancestry, africanity, colonization, globalization, cultural memory and decolonization. The abordage presented about African universe, little discussed on country historiography, went who collaborated to choice of thematic. Researching answer the issues, we dialogue whit researcher different, such as: Almeida (2021), Brasil (2014), Coelho (2000), França (2021), Silva (2018), Rodrigues e Pereira (2021), Duarte (2008), Ramose (2009), Graham (2009), Souza (2018), Camargo (2021), Lima (2006), Peixoto (2009), Mariosa e Reis (2011), Braga e Davi (2015) e Cavalcanti (2002) among others. Around, is possible finish what the access to knowledge from a positive representativity have the provide, in addition to acceptance of afrodescendant, a change on self-esteem.

Keywords: childhood literature; afrodescendant; ancestry.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 A LITERATURA INFANTIL: BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO	16
2.1 A literatura infantil no contexto brasileiro.....	18
2.2 Literatura de resistência.....	20
3 O PEQUENO PRÍNCIPE PRETO: DESCORTINANDO NOSSA AFRO-DESCENDÊNCIA	24
3.1 A narrativa sob os aspectos simbólicos da ancestralidade, ubuntu e globalização	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS	36

1 INTRODUÇÃO

A literatura infantil afro-brasileira, nas últimas décadas do século XX, tem reconfigurado, através da mágica das palavras, os lugares pertencentes ao povo negro. Discutindo acerca do poder das palavras no contexto literário, Cosson (2009) na obra *Letramento Literário: teoria e prática*, aborda a sua materialização sendo transformada nas palavras, permitindo que os leitores possam sentir sensações, odores e sabores.

Dessa forma, essa materialidade criará uma reestruturação dos lugares, além de permitir que os oprimidos tenham voz, sobre os quais a união da literatura afro-brasileira, junto às produções literárias, dá forma à imaginação de modo que se possam transgredir os lugares rotulados como impossíveis de serem ocupados pelo povo negro. Nessa perspectiva, de ocupação dos lugares por direito, um dos cenários que têm proporcionado mudanças contra o racismo estrutural dentro das instituições, é o campo educacional (ALMEIDA, 2019).

Contudo, hoje, os educadores de maneira gradual têm colocado em suas práticas, atividades envolvendo a história dos africanos e afrodescendentes. Dessa forma, existe uma transformação proporcionada pelo acesso às informações, a qual desperta o autoconhecimento e autoaceitação, além de contribuir para elevar a autoestima. À vista disso, a nova produção literária amplia os lugares de atuação dos personagens pretos, como também permite que eles possam ocupar posições de destaque. Portanto, nem sempre foi valorizada uma escrita que reivindica o lugar dos não brancos.

Com tal característica, as novas narrativas têm como objetivo, a desconstrução dos estereótipos e a formação da identidade positiva, e, conseqüentemente, a exclusão da baixa autoestima com frases pejorativas, a saber: “só podia ser preto”, “isso é coisa de preto”, “quando não caga na entrada caga na saída”, “negro do cabelo duro”, “negro do cabelo de pixaim”.

Ao considerarmos que estas narrativas tendem a conceder a formação de uma sociedade brasileira inclusiva, por intermédio das letras, tal atitude proporcionou o encontro da mágica ficcional literária com a miscigenação dos povos indígenas, africanos e portugueses; asseverando o respeito à diversidade racial, além do combate ao racismo e a discriminação.

Essa representatividade só passou a existir por meio das letras, através do universo mágico da literatura, uma vez que ela gera um momento de alteração ao transformar o cenário de opressão do povo negro em ambiente de resistência e autoafirmação na criação de uma sociedade integradora na diversidade étnico-racial.

Assim sendo, o livro *O Pequeno Príncipe Preto* de Rodrigo França com ilustração de Juliana Barbosa Pereira, desconstrói as rotulações com o propósito de permitir às crianças negras realizarem o sonho de serem príncipes e princesas. O estudo da obra tem como objetivo, o destaque de aspectos afrodescendentes para a constituição de uma história que enalteça o povo oprimido. O corpo negro, ao mesmo tempo em que é oprimido e marginalizado, promove um enfrentamento que fomenta a “desfabulação” dos paradigmas impostos pela visão de mundo eurocêntrica que aponta como belo e perfeito, apenas o padrão da “branquitude”.

Neste cerne, o cenário de lutas e reivindicações pelos direitos dos povos afrodescendentes desencadeou uma conquista na conjuntura educacional com a Lei 10.639/2003, sancionada pelo então presidente Luiz Inácio Lula da Silva. No tocante a isso, a referida Lei promoveu alteração na LDB (Lei de Diretrizes e Bases), ao outorgar a Lei 10.639/03 que obriga a inclusão da História e Cultura Africana e Afro-brasileira nos currículos escolares.

Quanto a este trabalho, o processo de pesquisa foi desenvolvido mediante estudos bibliográficos com diferentes teóricos que estudam a temática. Por meio disso, buscamos discutir a desconstrução de aspectos de subjugação e opressão cristalizados na sociedade brasileira. A escolha da temática partiu da necessidade existente dessa abordagem na sociedade para que as crianças pudessem formar uma identidade sólida. Com efeito, espera-se um resultado positivo, haja vista a necessidade dessas discursões dentro dos espaços, em especial dos lugares de socialização das ideologias como a escola. Tal atividade resultou na composição de três capítulos. O primeiro capítulo, de caráter introdutório, está composto pela apresentação.

No segundo capítulo, pontuamos brevemente aspectos precursores da literatura infantil-brasileira, qual seu estilo e a forma como se apresenta na obra literária a representatividade do povo negro. Além disso, abordaremos o poder da literatura em transpor as barreiras e desconstruir os estereótipos pautados pela mentalidade colonizadora. Para entender e responder aos questionamentos desta pesquisa, utilizamos como aporte teórico metodológico, Silva (2017), Cademartori

(2006), Coelho (2000), Rodrigues (2019), Fonseca (2006), Cavalcanti (2002), Rodrigues e Rosa (2018), Mariosa e Reis (2011) e Brasil (2004).

No terceiro capítulo, enfatizamos a estrutura do livro como objeto de leitura, caracterizando o tipo de linguagem, a presença do adjetivo no título, se este tem uma contribuição positiva ou negativa. Além do enfoque de temáticas que fazem parte do contexto africano, a exemplo de ancestralidade e ubuntu, colaboraram com a discussão, os apontamentos de Duarte (2008), Rodrigues e Pereira (2021), Costa e Quadros (2021), Camargo (2021), Souza (2021), Silva (2018), Almeida (2021), Vieira (2020), França (2021), Waldman (2012), Braz (2012), Gneka (2005), Vasconcelos (2017), Ramose (2009), Graham (2009) e Gregorin Filho (2009).

Por fim, seguem as considerações finais do estudo, além do referencial bibliográfico utilizado como fundamento.

2 A LITERATURA INFANTIL: BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO

A literatura infantil tem como cenário de nascimento, o continente europeu, em especial, a França. Seu surgimento nesse país é devido à estrutura que a sociedade apresentava a partir das histórias populares que circulavam por meio da oralidade. Os primeiros resquícios da literatura oral e popular guardavam a memória coletiva ou individual. Esta transição, ao longo dos tempos, foi reduto da herança cultural da população. Dessa forma, conserva-se a herança cultural por meio das histórias vivas, haja vista que, durante esse contexto, ainda não tinha acontecido a invenção da máquina para a produção dos textos escritos em larga escala, com isso, as transições eram realizadas por meio desse recurso (oralidade).

Assim, conforme assegura Silva (2017), em consonância com Zilberman (1987) e Hunt (2010), a literatura infantil tem sua aparição no mundo ocidental por intermédio dos contos de Charles Perrault durante o século XVII. A família Perrault, neste entendimento, teve acesso aos contos por meio dos servos (CADEMARTORI, 2006). As primeiras produções empregavam como cenário, o movimento popular que aconteceu na França absolutista. Caracterizado como “Fronde”, eram movimentos internos contra o monarca Luís XIV. Dessa maneira, suas narrativas retratam as marcas individuais que o acompanham através de uma pedagogia burguesa, como as produções que destacam a elite francesa, nomeadamente os príncipes e princesas.

No século posterior, as narrativas literárias ganhavam destaque como as compilações dos irmãos Grimm, ao realizarem um estudo na sociedade através da linguística. Esse estudo, por sua vez, analisou aspectos “[...] da oralidade, um variado acervo de histórias que eram transmitidas de uma geração para outra e serviam como forma de educar e disseminar valores e ideias considerados fundamentais pela sociedade da época.” (SILVA, 2017, p. 20).

À custa disso,

Ao nos debruçarmos sobre a leitura desses contos, percebemos que todos os personagens que os compõem seguem um padrão de representação eurocêntrico. [...] são sempre brancas, loiras e de olhos claros, seguindo um padrão de beleza que se convencionou como sendo o perfeito e ideal algo que era próprio do momento histórico em que circulavam. (SILVA, 2017, P.20)

No que diz respeito às primeiras produções, Silva (2017) enfatiza o viés eurocêntrico, o qual é representado através dos personagens brancos e no espaço social da corte.

Os compilados pelos irmãos Alemães serviram para propagar a ideia de branqueamento já inculcada em toda a Europa. No entanto, tal ideologia precisava ser propagada para outros continentes, a fim de que resultasse na dominação dos não aceitos. O controle depreciativo aconteceu por via da opressão e subjugação dos povos que tinham culturas e costumes diferentes, já que não foram aceitos como povos, passando a ser nomenclaturados como animais.

Diante disso, as narrativas que se sobressaíram, inicialmente, foram as que evidenciaram a brancura, passando a ganhar destaque mediante os enredos que estivessem embutidos com a representatividade do branco como sendo o belo, enquanto que os enredos com os corpos negroides não tinham representatividade; eram classificados como algo ruim.

Tal reconhecimento de sua função social para o universo das crianças e adolescentes, só ocorreu durante o século XX em decorrência da psicologia experimental. A mesma desenvolveu estudos e observou um diagnóstico satisfatório na contribuição desse recurso literário como elemento para os estágios do desenvolvimento da criança e do adolescente. Assim sendo, de acordo com as contribuições de Coelho (2000, p. 30) a literatura tem uma “[...] importância fundamental para a evolução e formação da personalidade do futuro adulto”, ou seja, seu poder humanizador transforma vidas por meio das reformulações das ideias.

Apesar disso, a literatura infantil nem sempre ocupou uma posição de destaque por sua contribuição na formação da sociedade e no compartilhamento do conhecimento. Fundamentalmente, as produções literárias reservadas às crianças eram observadas como um gênero simples. Acreditava-se, portanto, que ele não possuía nenhuma contribuição para a sociedade, servindo apenas para entretenimento das crianças por meio de livros desenhados e coloridos, resguardando sua atenção nos dois aspectos, sem representatividade ou poder de transformação. Logo, essas escritas estavam relacionadas ao contexto pedagógico instruindo as crianças e adolescentes na maneira como deveriam se comportar em sociedade.

Contudo, na contemporaneidade esses enredos não estão preocupados apenas com a questão pedagógica, podemos encontrar, sobretudo, aspectos sociais voltados às relações étnico-raciais.

2.1 A LITERATURA INFANTIL NO CONTEXTO BRASILEIRO

As primeiras produções infantis brasileiras têm início em um contexto marcado por uma nação ainda jovem. De acordo com Silva (2017, p. 30),

Todo o alvoroço causado pelo fim da escravidão e as suas consequências negativas, tais como a desigualdade social; os conflitos internos para organização da sociedade, ainda repercutiam e influenciavam dentre tantas outras coisas a produção artística.

Através da citação acima, observamos uma sociedade marcada por uma falta de organização, considerando que não houve leis que pudessem assegurar a igualdade para todos, fornecendo combustível a um dos primeiros mecanismos para a “apartheid” à brasileira, o qual serviu como ponto de partida à gestação de um perfil da formação social brasileira, assegurando ao povo negro à base na pirâmide.

Nesta análise, a configuração social reverberou em diversos trabalhos de diferentes artistas. As narrativas destacam nas entrelinhas o processo de aceitação que está ocorrendo na sociedade brasileira, o qual não ausenta o povo negro dos grilhões que o amordaçaram no período da escravidão e perdurando no pós-independência.

As novas narrativas produzidas na antiga colônia portuguesa foram denominadas de ufanistas, tinham como *slogan* a representação da “cara do Brasil”, ou seja, a literatura brasileira passou a destacar os aspectos positivos do país. Esse estilo de produtividade ganhou uma estrutura diferente da que era empregada. Anteriormente, as produções eram desenvolvidas com os padrões europeus, passando a criar um perfil próprio, no qual enfatiza as características do povo e da cultura brasileira.

Segundo Silva (2017, p. 30-31), “Nesse período, ganham espaço as histórias que nasceram no seio popular, os mitos, lendas e heróis nacionais que povoavam o imaginário do povo brasileiro”. Conforme observado, durante aquele contexto, é perceptível uma ênfase da cultura, com traços ligados às questões regionais.

Contudo, as narrativas não abordaram questões ligadas ao povo negro e suas culturas.

Por conseguinte, a literatura infantil-brasileira tem início em um espaço de transformação com o escritor Monteiro Lobato, em 1920, sendo marcada por produções que têm como desfecho, diversas críticas relacionadas à ênfase pitoresca que estas abordaram em seus personagens no universo rural, empregando em alguns personagens, um vocabulário que produz uma imagem negativa referente à zona rural, a exemplo do “Jeca Tatu”. Outras produções literárias deste autor que recebem críticas são as narrativas que abordam as questões étnico-raciais, deixando o povo negro sem representatividade, figurados em segundo plano, com posições inferiores e roupas e falas desfavorecidas. No entanto, apesar das críticas, as produções literárias de Lobato têm contribuições relevantes para o aspecto cultural e literário do país naquele momento. Assim, não podemos negar o valor estético da produção literária de Monteiro Lobato.

Em síntese, os enredos do citado escritor brasileiro assumiram “[...] a responsabilidade da denúncia, formulando uma audaciosa advertência, Monteiro Lobato estabelece uma ligação entre a literatura e as questões sociais” (CADEMARTORI, 2006, p. 47).

Logo, uma das obras que alcançou a popularidade e obteve aceitação no universo infantil, foi o “Sítio do pica-pau amarelo”, ganhando notoriedade em sua primeira produção diante do público infantil. Entre os personagens atuantes no enredo, temos a presença de “Tio Barnabé” e “Tia Anastácia”, ambos protagonistas negros que iniciaram sua participação no espaço literário como personagens secundários. Contudo, sua atuação foi fundamental para o desenvolvimento de iniciativas que reivindicaram uma melhoria na representatividade dos intérpretes afro-brasileiros.

Diante desse cenário, podemos observar não apenas as primeiras mudanças nas narrativas, como também o princípio das discussões relacionadas à temática, proporcionando a quebra de paradigmas com a inclusão de escritos produzidos com conteúdo étnico-racial, a fim de enfatizar a questão social dos não-brancos no país. À vista disso, Silva (2017, p. 34) reforça que “A literatura é uma arte que representa também as estruturas sociais, portanto, em uma sociedade em que os negros só ocupavam espaços inferiores, ele fosse representado como protagonista. ”

O precursor da narrativa infantil-brasileira teve como fonte para seus textos, os cânones infantis europeus. Nessa esteira investigativa, Rodrigues (2019) escreve que

Monteiro Lobato, fundador da literatura para crianças no Brasil, teve em relação aos contos de fadas, basicamente, três atitudes estéticas em seus livros: a crítica aos contos embolorados da Carochinha ou ao que Emília classificava como bobagens do folclore; a admiração à produção literária a partir deles feita pelos irmãos Grimm, Perrault, Andersen; e a incorporação das princesas ao seu próprio universo ficcional. (p. 17).

Com isso, sua influência contribuiu para uma mudança no cenário das letras. Tal transformação despertou a necessidade de um olhar diferenciado para o reconhecimento da minoria afro-brasileira no país que tem a participação dos africanos em sua formação histórica.

2.2 LITERATURA DE RESISTÊNCIA...

Neste trabalho, desenvolveremos esta pesquisa baseada no conceito de *literatura afro-brasileira* ou *literatura afrodescendente*.

[...] a expressão “literatura afro-brasileira” procura assumir as ligações entre o ato criativo que o termo “literatura” indica e a relação dessa criação com a África, seja aquela que nos legou a imensidão de escravos trazida para as Américas, seja a África venerada como berço da civilização. Por outro lado, a expressão “literatura afro-descendente” parece se orientar num duplo movimento: insiste na constituição de uma visão vinculada às matrizes culturais africanas e, ao mesmo tempo, procura traduzir as mutações inevitáveis que essas heranças sofreram na diáspora. (FONSECA, 2006, p. 24).

A Literatura infantil afrodescendente surgiu para transgredir e resistir ao sistema estrutural que controla o país através das críticas aos preceitos normatizados, de acordo com as ideologias da vertente europeia a qual prioriza seus ideais e inferioriza tudo que for inverso ao padrão já condicionado.

Encontrar personagens negros sendo representados de forma positivada, com respeito à sua história, cultura e imagem física, como reconhecimento de sua beleza e inteligência ou ocupando o papel de protagonista, como é possível encontrar hoje, era quase impossível no início do século XX. (SILVA, 2017, p. 27).

A nova estrutura dos enredos destaca um perfil positivo na construção historiográfica do povo afrodescendente brasileiro, propiciando mecanismos para

que haja uma construção identitária alicerçada na informação, resultando na aceitação da ancestralidade e no conhecimento da historiografia que a história foi omissa.

Consequentemente, é indispensável que se tenha o acesso às informações que enalteçam as histórias dos afrodescendentes, com o intuito de destacar os fatos que foram silenciados pela história por meio do Estado, o que resulta, nos dias atuais, em uma exclusão social, política e econômica proveniente de uma identidade negacionista que classificou os negros como sendo a “parte ruim” da humanidade.

O texto literário é mais do que suas estruturas discursivas, ele extrapola esse universo concreto para adentrar-se nas construções do imaginário de cada leitor, realizado no poético que é da ordem do ontológico. Portanto, o elo que estabelece com a realidade é a possibilidade de sentido que a escritura proporciona. (CAVALCANTI, 2002, p. 13).

A transposição do sistema institucionalizado com a mentalidade eurocêntrica tem como área de destaque o universo literário; o que permite ir além do código ou da estrutura dos textos e possibilitar a criação de uma identidade a partir do período da infância, contribuindo para a formação de um ser consciente do lugar social que ocupa.

De acordo com Fonseca, (2006, p. 17), “A relação entre cor e exclusão passa a ser recorrente na produção literária denominada pela crítica como negra ou afro-brasileira”. Diante disso, as narrativas durante alguns anos abordaram o corpo negroide como símbolo de exclusão. Todavia, as recentes produções têm destacado o fenótipo negro como emblema de representatividade, evidenciando o corpo, a boca, o nariz e os cabelos que eram subalternizados. Agora, é perceptível que existe uma beleza negra, anteriormente desfavorecida.

Neste cerne, as novas narrativas são pautadas no discurso de aceitação e diversidade racial, promovendo entre os jovens e as crianças, uma fonte de conhecimento a qual propicia o acesso a uma história recontada de forma positiva, além de intermediar o ingresso os leitores mirins ao ensino cultural do povo africano transcritos nas produções. Esse aspecto de mudança não existia anteriormente nas primeiras produções eurocêntricas, isto é, suas representações eram distorcidas e desencadearam mecanismos para a formação de uma sociedade omissa ou negacionista ao preconceito latente.

Sendo assim, tais narrativas surgem e tendem a por em foco, a desconstrução e a colonização mental a qual colocava a Europa como uma referência para o mundo, comandando as culturas, as políticas e as economias do globo com o objetivo de propagar os ideais de superioridade racial.

Conforme descrevem Rodrigues e Rosa (2018) em seu artigo intitulado: *A influência da literatura infantil afro-brasileira na construção das identidades das crianças*, a reconfiguração dos espaços e os conceitos de opressão explicam qual é o propósito do nascimento do viés decolonial.

No intuito de desconstruir os estereótipos, as hierarquias raciais, a inferiorização ou subalternização do negro, surge a decolonialidade, que influencia a escrita brasileira atualmente propondo novos rumos à literatura. A literatura decolonial nasce para desfazer as marcas da colonialidade, ressignificando a identidade do negro, da mulher, do outro subalternizado e hostilizado por uma elite colonial. (RODRIGUES; ROSA, 2018, s/n).

De acordo com a citação acima, o acesso às informações que enfatizam ideais positivos relacionados ao povo africano e afrodescendente, permite a formação de uma perspectiva transformadora, à medida que propicia a aceitação e molda a formação da identidade. Com isso, destacamos o pensamento de Mariosa e Reis (2011, p. 46), defendendo que “A construção da identidade do indivíduo inicia-se na sua infância e vai sofrer influência de todos os referenciais com os quais ele irá se deparar ao longo de sua história.”

Com efeito, observamos que a interrupção do silenciamento através dessas produções, passou a despertar um autorreconhecimento, uma autoestima e um sentimento de orgulho dos seus ancestrais.

[...] A criança afrodescendente brasileira só poderá “acender a fogueira” a partir do momento em que se enxergar como parte formadora da sociedade, não como vítima, mas como colaboradora. Tão importante como denunciar a discriminação é apresentar ao universo infantil motivos para se interessarem e valorizarem as culturas africanas (HORTA, 2010, p. 6 apud MARIOSA; REIS, 2011, p. 45-46).

Conforme visto, as escritoras discutem a importância de despertar nas pessoas negras, uma autovalorização e aceitação, haja vista a reivindicação do seu lugar social ou de fala como um direito negado pela História e pelo Estado.

É válido destacar que o discurso relacionado à temática da História e cultura afro-brasileiras “[...] não se restringe à população negra, ao contrário, diz respeito a todos os brasileiros, uma vez que devem educar-se enquanto cidadãos atuantes no

seio de uma sociedade multicultural e pluriétnica, capazes de construir uma nação democrática. ” (BRASIL, 2004, p. 17)

3 O PEQUENO PRÍNCIPE PRETO: DESCORTINANDO NOSSA AFRO-DESCENDÊNCIA

As narrativas afro-brasileiras são elaboradas enfatizando as riquezas e heranças dos africanos na formação histórica, cultural, social e identitária. Neste entendimento, essa identidade é formada a partir do acesso às informações que retratem um enaltecimento do povo africano. De acordo com Duarte (2008), as produções literárias são norteadas por cinco determinantes que as qualificam como enredos marginalizados e proporcionam um distanciamento de outros estilos de escrita, dado que irá acontecer uma inter-relação. Sem isso, de maneira isolada será difícil uma melhor elucidação.

O texto literário *O pequeno príncipe preto* faz uma releitura da obra *O pequeno príncipe*, do escritor francês Antoine de Saint-Exupéry, cuja primeira publicação ocorre em 1943. A obra afrodescendente foi desenvolvida em uma perspectiva inclusiva: personagens negros nos contos populares. “Nesse viés antirracista, a obra deixa a mensagem para os leitores, sejam eles negros ou não negros, de que todos nós somos fortes, belos e potentes para sermos tudo o que quisermos ser [...]”. (RODRIGUES; PEREIRA, 2021, p. 16).

A referida narrativa afro-brasileira, embora apresente em seu título uma intertextualidade com a obra francesa *O pequeno príncipe*, dirige-se à temática afrodescendente empregado pelo símbolo de representatividade concedida ou promovida pelo acréscimo do adjetivo “preto”, com a finalidade de assegurar o poder das crianças negras de sonharem em serem príncipes ou princesas.

No entanto, o adjetivo é composto por questionamentos. Um exemplo claro pode ser verificado a partir do que escrevem Costa e Quadros (2021, p. 7), no artigo intitulado *A cultura preta na sala de referência*, destacando que o “[...] preto é uma cor ou é como podemos chamar alguém que não seja branco?”. Diante dessa discussão, Costa e Quadros (2021, p. 7) em consonância com Rocha (2010, p. 900), defendem que

Preto é mesma coisa que negro? Uns afirmam ser tudo igual, outros buscam argumentos para diferenciar os termos. É comum ouvirmos afirmações do tipo: preta é cor, negro é raça. A distinção aqui se dá em função da relação ao objeto em questão. Como adjetivo, preto encerra uma qualificação “a cor do objeto”, já negro nos parece designar o próprio sujeito.

Com isso, dependendo do uso dos adjetivos empregados no contexto do texto literário, o vocábulo poderá receber uma conotação negativa. Segundo os pesquisadores Costa e Quadros (2021), o termo “preto” é datado na História a partir do século X, aplicado para nomear as pessoas africanas.

A obra em análise, de autoria do escritor e diretor Rodrigo França, foi lançada em 2020 pela editora Nova Fronteira. No tocante a isso, o enredo foi apresentado ao público em forma de peça teatral, e, posteriormente, passou a ser um livro infanto-juvenil afro-brasileiro. França é escritor de diversos livros que abordam uma ideologia antirracista. O autor é escritor, produtor de musicais no teatro, ator, artista plástico e, também, realiza trabalhos no campo acadêmico o qual enfatiza questões relacionadas ao ativismo social negro. À vista disso, “Seus trabalhos refletem muito suas próprias vivências como homem negro, resgatando também sua ancestralidade na construção de suas obras”. (RODRIGUES; PEREIRA, 2021, p. 14).

O enredo é ilustrado pela desenhista Juliana Barbosa Pereira. Juntamente com França, a ilustradora tem expandido seus projetos cuja ênfase recai sobre questões ligadas à sociedade antirracista; um exemplo é a participação na peça teatral que tem o mesmo nome da obra. Para ilustrar o livro, Juliana precisou entrar em contato com a criança que vive dentro dela que, segundo a própria, foi um processo leve, gostoso e muito importante (FRANÇA, 2020 apud CAMARGO, 2021, p. 29).

Quanto aos aspectos físicos, o livro em discussão foi confeccionado no formato A27, 5 cm, com capa dura e ilustrações de Juliana Barbosa Pereira. Ao longo das breves trinta e duas páginas, são apresentadas ilustrações que remetem aos conteúdos narrativos de cada página. O fundo do papel das páginas do livro apresenta cores variadas e o texto se alterna nas cores preta, branca e verde escuro, contrastando com as cores das páginas. Na capa há a imagem do rosto do personagem Pequeno Príncipe Negro e a árvore Baobá, que é representada com traços humanos e também é personagem da narrativa de Rodrigo França, possivelmente inspirada na figura de sua avó Bené, como o próprio autor expõe ao leitor, ao final do livro, quando se refere às motivações da escrita de O Pequeno Príncipe Preto (SOUZA, 2021, p. 43).

A capa destaca o título com letras maiúsculas, enfatizando que as crianças negras podem sonhar em ser príncipes ou princesas. Outro destaque são as cores da capa com tom forte, ou seja, vibrante, levando os leitores a fazerem uma intertextualidade com a memória construída sobre os povos do velho mundo, os quais são norteados como: guerreiros, marcados por lutas, resistências, conquistas,

festas e danças, com uma linguagem de fácil compreensão para as crianças e jovens. Neste cerne, Souza (2021) escreve que

Quanto ao formato do texto da narrativa e aspectos visuais, esse aparece em letras tamanho médio, favorecendo a visualização e facilitando a leitura. Em algumas páginas há palavras e frases centrais que se destacam juntas às ilustrações referentes aos trechos da obra, como por exemplo: AN- CES- TRA- LIDADE (p. 8-9), EU AMO MEU CABELO (p. 11), e AFETO (p. 18). Esse modo de destacar as palavras e trechos da narrativa realça a importância de tais passagens, visto que desperta a atenção do leitor tanto no aspecto visual, quanto na construção dos sentidos da leitura da obra. (p. 44).

A produção literária infantil trabalha o aspecto da linguagem empregando letras maiúsculas em algumas palavras para enfatizar o sentido do verbete, haja vista sua contribuição para o contexto, já que “Nem só de palavras se constrói um livro para crianças; a ilustração é uma das linguagens não verbais mais recorrentes na obra literária infantil, além de outras como a tátil [...]” (GREGORIN FILHO, 2009, p. 53).

Dentro de um contexto de reencontro com sua africanidade, a ilustradora Juliana Barbosa Pereira ilustra todo o corpus de *O Pequeno Príncipe Preto*. A princípio, a capa já começa a descortinar a história apresentando o Baobá: arbusto considerado sagrado. Em seguida, tem a representação do príncipe, no qual “[...] apresenta somente suas cabeças com destaque às características africanas, tais como: pele escura, cabelos crespos, narizes achatados, lábios grossos e olhos negros [...]” (SOUZA, 2021, p. 43), sendo perceptível a presença dos traços afrodescendentes no *corpus* da obra. França (2020), no transcorrer do texto de maneira verbal, expõe o que está ilustrado na capa.

Minha boca é grande e carnuda.
Olhe o meu sorriso, como é simpático e bonito!
Eu tenho nariz de batata. Eu adoro batata e adoro meu nariz.
Meus olhos são escuros como a noite. Também existem olhos claros, mas gosto dos meus olhos como eles são. Porque são meus.
(FRANÇA, 2020, p. 11).

Portanto, a leitura já inicia com a capa e, no decorrer da produção, observamos os tons fortes, os quais demonstram como o povo africano é resistente. Os nomes destacados são escritos com as letras grossas e com cor, a exemplo do nome “afeto”.

Os eixos norteadores presentes no *corpus* de *O pequeno príncipe preto* são fundamentais à compreensão das particularidades na narrativa literária supracitada. Com tal característica, mostraremos, em conformidade com Duarte (2008), os pontos que as obras literárias afro-brasileiras exibem no desenvolvimento do enredo, a saber: temática, autoria, ponto de vista, âmbito da linguagem e a formação de um público leitor afrodescendente.

Portanto, diante do texto literário infantil afrodescendente, encontramos tais pontos, na ordem disposta no parágrafo anterior. Assim, a primeira abordagem está relacionada ao “povo preto” sendo representado em uma perspectiva positiva, o qual valoriza a nossa africanidade materializada nos ancestrais. Em segundo lugar, na construção literária produzida pelo afrodescendente que ressalta a africanidade, impõe-se um terceiro tópico que é marcado pela construção identitária que têm como alicerce, valores como: companheirismo, compreensão, respeito entre outros. Um quarto componente situa-se no âmbito do código, à utilização de palavras próprias do dialeto do velho continente, portanto, detentores dos significados, a exemplo das palavras “baobá” e “ubuntu”. O último elemento da história está conectado à formação do leitor afrodescendente que conhece a trajetória do seu povo e tem orgulho em ser negro ou preto (DUARTE, 2008).

No texto em análise, o protagonismo é representado por um menino negro, enfatizando que o tipo de fenótipo não é um determinante para impedi-lo de sonhar e desejar ser da realeza. Ou seja, o enredo apresenta duas teorias que Silva (2018) os caracterizou como “valores de refúgio” e “enegrecer”. Valores de refúgio são as reivindicações pelo reconhecimento da condição social, criando “[...] caminhos possíveis para se desestabilizar a estrutura orgânica que mantém a desigualdade brasileira, centrando na educação das relações étnico-raciais o gargalo principal desse processo [...]” (SILVA, 2018, p. 346), sendo o “enegrecer” outro recurso encontrado no texto literário infantil em análise, uma vez que a autora define como uma constante “[...] busca pela reflexão a partir do autoconhecimento de si como parte da totalidade que é o Brasil”. (SILVA, 2018, p. 346).

A versão afrodescendente, a princípio, foi encenada em diferentes regiões, nos palcos dos teatros, e, posteriormente, a peça foi transformada em livro. Nas duas estruturas estão presentes as marcas da africanidade como forma de contrapor ao “[...] apagamento da história como tecnologia para a ruptura da identidade [...]” (ALMEIDA, 2021, p. 270).

3.1 A NARRATIVA SOB OS ASPECTOS SIMBÓLICOS DA ANCESTRALIDADE, UBUNTU E GLOBALIZAÇÃO

A obra de literatura infantil afro-brasileira analisada nessa pesquisa foi produzida, segundo o autor, por meio das experiências de subjugações sofridas durante a infância, a qual provocou dor ao saber que não poderia ser um príncipe devido a sua cor da pele, O enredo aborda questões como autoestima, ancestralidade e afrodescendência.

Assim, conforme observamos, no texto literário é abordado algumas temáticas entre as quais podemos localizar abordagens pertinentes à relação afetiva, historiográfica e à ancestralidade. Na entrevista ao jornalista Kauê Vieira, o autor do corpus e diretor falou sobre sua vida.

Sou de uma família afrocentrada. De pai, mãe e avó integrantes do Movimento Negro. Pessoas que me instrumentalizaram para ser o que eu sou, tendo força para não ser paralisado pelo racismo estrutural. Consegui fugir da estatística que mata um jovem negro a cada 23 minutos, segundo a ONU. Cheguei ao doutorado, escrevo livros, dirijo espetáculos, sou roteirista de séries, palestro, dou aulas... Isso sendo negro e disléxico. Tive pais que nunca me chamaram de “burro”, tiveram sensibilidade para perceber as minhas qualidades e as fortaleceram. [...] *Antes do teatro vieram as artes-plásticas. Imagina um menino negro do subúrbio não querer jogar bola para fazer arte? Nunca fui criticado por isso. Pelo contrário, meu pai morreu pedindo para eu voltar a pintar. Sou agraciado por tê-los na minha vida. Olho para trás e penso que sou um privilegiado. Estudar nesse país já é uma vitória.* (VIEIRA, 2020, n/p, grifos do autor).

A partir da citação acima, presenciamos uma desconstrução dos estereótipos, possibilitando às meninas e aos meninos, de modo especial, aos negros sonharem em serem príncipes ou princesas. Sendo assim, o personagem principal é um menino negro representante da realeza, ou seja, reconfigura os espaços eurocêntricos que colocavam os meninos e meninas com perfis branqueados. Dessa forma, o livro suscitou uma mudança na aculturação enraizada no país, que estigmatizava e subjugava a população não branca.

A produção literária infantil afro-brasileira propicia uma interdisciplinaridade com diferentes temáticas pensando na inclusão racial, social e afetiva. No início do enredo, o escritor nos leva a refletir sobre a valorização da ancestralidade. França (2020, p. 5) destaca que “[...] para toda a minha ancestralidade, com respeito e gratidão”, deixando exposto aos leitores que existe uma relação de conhecimento e gratidão aos seus ancestrais.

Chaves e Santos, no artigo *Representatividade negros na educação infantil*, explanam a necessidade de compreensão da História de cada lugar e, em consonância com Emília Viotti da Costa, observam que “[...] um povo sem memória é um povo sem história. E um povo sem história está fadado a cometer, no presente e no futuro os mesmos erros do passado” (2018, p. 4-5), ou seja, através do conhecimento da nossa ancestralidade é que podemos transformar os estigmas de marginalizados. Assim,

Devo tanto à Baobá, sabe? Sabedoria é comida que nos alimenta. Existe uma coisa chamada ancestralidade. Antes dessa árvore, existiu outra árvore, antes existiu outra árvore, e mais outra, outra e outra... Antes de mim vieram os meus pais, os meus avós, os meus bisavós, os meus tataravós, os meus ta-ta-taravós... Todos eram reis, rainhas. (FRANÇA, 2020, p. 9).

A ancestralidade é comparada a uma árvore guardiã da memória coletiva e individual. Por conseguinte, essa protetora da memória é o Baobá, dono de um patrimônio oral que compreende o continente africano, considerado um símbolo do velho mundo, onde “[...] sob a copa do Baobá se reúne o conselho dos anciãos, atuam os contadores de história, as pessoas fofocam e os namorados se encontram. A árvore é palco de acertos e desacertos, onde as pessoas se unem se separam”. (WALDMAN, 2012, p. 225), fonte de conhecimento para um autorreconhecimento da africanidade e dos descendentes, e “Mais do que uma árvore, o Baobá tornou-se um símbolo civilizatório, baluarte da memória africana, no seio do qual muitas comunidades encontram abrigo e esperança”. (WALDMAN, 2012, p. 231).

Os *griots* sentavam à sombra do baobá, e narravam histórias da África para os mais novos da aldeia, “[...] trazendo ao conhecimento do leitor várias lendas africanas, que vão da origem de ditados populares àquelas de conotação mais cosmológica, que narram a origem do mundo nos dias da criação divina, com sensibilidade e sem redundar em exotismo.” (BRAZ, 2012, p. 3). À vista disso, as “contações” oportunizam conhecer nossos antepassados.

Sendo assim, sua ancestralidade é perpassada em diferentes contos, lendas e histórias. Georges Gneka em seu artigo intitulado *A semente de baobá*, conta como foi sua origem de acordo com “[...] uma história da Costa do Marfim.” (2005, p. 14). O *corpus* está presente no livro “A semente que veio da África”. (GNEKA, 2005, p. 17).

A história descreve uma conversa entre o criador e sua criação, à medida que no transcurso da conversa, notamos um descontentamento por parte da criação. “Até hoje dizem que os galhos do baobá, voltados para o alto, parecem braços que continuam a se queixar e a implorar melhorias para o Criador. E o Criador, ao olhar para o baobá, enxerga a África.” (GNEKA, 2005, p. 17).

Por sua vez, a representatividade africana é produzida de modo determinante, e apresentada por um componente que faz parte da historiografia do velho continente, haja vista que é analisada como insígnia de resistência. O baobá, transcrito no livro infantil *O pequeno príncipe preto*, é símbolo de representação dos antepassados, enquanto que a semente, produzida pelo arbusto, recebe a nomenclatura de “ubuntu”.

Logo, para manter vivo esse tipo de arbusto, foi necessário a criança aproveitar a ventania e sair passeando em diferentes planetas com tamanhos diversos, conhecendo e semeando em outros corpos celestes. A jornada percorrida pelo príncipe permite conhecer a pluralidade de seres e comportamentos diversificados, observando distintas condutas e atitudes. Um ponto que provocou reflexão pela falta de afetividade foi à ausência de equilíbrio entre a tecnologia e os seres humanos. A dominação dos recursos tecnológicos fez os seres humanos dedicarem atenção e tempo aos smartphones, o que antes era reservado às pessoas, agora é restrita aos aparelhos.

A narrativa de **O pequeno príncipe preto** manifesta seu descontentamento nessa inversão de valores, ou seja, esse comportamento demonstra uma desumanização, os sentimentos de afeto são colocados em segundo plano, ficando como prioridade a tecnologia.

O que era aquilo que estava se mexendo?! Era um ser parecido comigo! Só que não era mais criança como eu. Gente adulta!
Moço? Tudo bem? Moço?!
Não respondeu! Que grosseiro! Saiu sem falar comigo.
Nossa, tinha mais uma ali.
Senhora?! Como vai?
Eram tantos, mas ninguém se falava. Ninguém olhava no olho do outro. Também ninguém falava comigo. Não largavam umas caixas pequenas iluminadas. Era tudo tão rápido, mas parecia que não estavam aproveitando o tempo. Não tinha abraço, não tinha sorriso. (FRANÇA, 2020, p. 21).

França faz uma crítica à falta de afetividade entre as pessoas, sendo notória a indisponibilidade de tempo para as relações humanas. No entanto, para o acesso

aos recursos virtuais, os indivíduos sempre encontrarão tempo. Dessa forma, observamos que os aparelhos são as prioridades, enquanto que as relações afetivas estão se esfriando. Por sua vez, o aceleração da vida é outro resultado da nova condição criada a partir dos aparatos científicos e tecnológicos que, com efeito, transformou o mundo em uma “aldeia global”.

Com isso, a ideologia capitalista implantou o pensamento e o desejo que precisamos está sempre à frente, ou seja, exaltando a relação da competitividade. De acordo com Vasconcelos (2017, p. 105), “De modo simples, a questão é colocada por ele da seguinte forma: Em seu estágio atual, a humanidade experimenta um elevadíssimo grau de desenvolvimento científico-tecnológico jamais visto anteriormente.” Essa força exercida pelos meios tecnológicos, sendo usada de maneira descontrolada pelas pessoas, torna-os reféns desses recursos.

O problema, na visão do filósofo, consiste na incapacidade do homem em controlar, totalmente, os efeitos da aplicação dessa tecnologia. Para ele, essa falta de controle, coloca em risco a existência da própria espécie humana e o equilíbrio das forças da natureza responsável pela manutenção da vida no planeta. As modernas tecnologias podem fazer do homem um objeto de seu agir. (VASCONCELOS, 2017, p. 105).

Através da citação acima, podemos perceber que o autor contraria o posicionamento da globalização, que tem como fundamento uma política econômica destruidora. Segundo Ramose (2009, p. 171), a “[...] globalização neo-liberal contemporânea, que empurra grande parte da humanidade para sua armadilha de pobreza estrutural”. Opondo às ideologias neo-liberais, erige-se a filosofia africana, empregando como ponto de alicerce, o conceito de ubuntu.

Assim, conforme evidencia Ramose (2009, s/p),

A filosofia ocidental dos direitos humanos enfatiza a idéia do ser humano como uma entidade fragmentada sobre a qual os direitos são agregados de maneira contingencial, enquanto que a concepção africana sublinha a idéia do ser humano como uma totalidade, tendo seus direitos assegurados como tal.

A citação acima nos permite conhecer a divergência entre os conceitos. Acerca das doutrinas compartilhadas, a difundida em todo o continente e principalmente entre os povos bantus, é o ubuntu. “O prefixo *ubu-* e a raiz *ntu-*. Ubu evoca a ideia de ser em geral. Este conceito ético enfatiza as alianças (sic [alianças]) entre as pessoas e as relações entre estas.” (2009, p. 135). Essa concepção é

respaldada na humanização, no respeito ao outro. Contudo, as filosofias ocidentais, oriundas da Idade Média, propagam um racionalismo, que tem como característica o sujeito individualista e competitivo, “[...] [optando em] sobrepor o ‘Eu’ ao ‘Nós’. Essa escolha, ao longo da história ocidental, materializou-se na forma de dominação.” (VASCONCELOS, 2017, p. 105).

A filosofia africana é composta por uma interconexão entre a espiritualidade e os seres humanos, não existindo as “[...] dicotomias mente/corpo e espiritual/material”. (GRAHAM, 2009, p. 306). Essa união possibilita uma estreita ligação com os elementos da espiritualidade que são partículas constituintes do universo, ou seja, os indivíduos não podem viver de forma isolada por meio de um distanciamento social. Com tal característica, somos seres que vivemos socialmente em comunidade desde os primórdios da origem humana.

O paradigma africano apresenta uma relação de dependência entre os indivíduos e a natureza, de modo que para que acontecesse um crescimento humano, é necessário viver em grupo. Para tanto,

Esse caráter inter-relacional do eu se expressa no provérbio “nós somos porque eu sou, e eu sou porque nós somos”. Esses pressupostos filosóficos transmitem à psique um senso de pertença à comunidade e de parte do todo. Isso porque a mutualidade e a individualidade estão inextricavelmente ligadas no conceito de si. O crescimento e o desenvolvimento moral do indivíduo facilitam o crescimento dos outros. (HOLDSTOCK, 2000 apud GRAHAM, 2009 p. 306).

Os autores acima reforçam o valor da memória coletiva construída através da relação de dependência, na qual a reciprocidade possibilita uma troca de conhecimento, seja por meio dos indivíduos ou pelo contato dos elementos presentes no universo. De acordo com Graham (2009, p. 306), “Isso significa que a qualidade de ser pessoa é alcançada por um processo de traduzir-se em relacionamentos com os outros e com a comunidade.”

A dominação cultural global, enfatizada na produção literária, faz parte da estrutura dos mecanismos de individualismo, que é uma marca para o mundo ocidental. Além disso, outro destaque é a competitividade, característica influenciada pela globalização. Logo, tal posicionamento está sendo incutido na formação das crianças. Portanto, diante do texto literário analisado, podemos observar como o universo infantil está ministrando a questão de superioridade.

O mais estranho era eles não serem unidos, todas as brincadeiras tinham disputa. Eram simplesmente para competir. “Quem vença o melhor”, falavam eles. Havia o dono da bola, e todos tinham que fazer do jeito dele. “A bola é minha. Se não me escolherem, eu não empresto”
Eu me lembrei do rei, que contava estrelas e era triste. Não queria que aquelas crianças crescessem como ele ou como aqueles adultos correndo contra o tempo. (FRANÇA, 2020, p. 24).

O enredo literário chama-nos a uma reflexão sobre os nossos leitores mirins e futuros cidadãos, na formação de um posicionamento crítico e reflexivo sobre o lugar social que ocupam. Contudo, para que essa concepção sobrevenha além, de ser crítico, necessitam possuir uma formação humanitária, abandonando o “eu” e adotando o “nós”.

Por meio de uma simples brincadeira entre as crianças, podemos observar a subjugação dos que não tem a bola, e o poder de dominação do que detém a bola, ou seja, podemos compará-la com o monopólio do poder. Uma representatividade simples, porém, incorporada ao cotidiano das crianças.

Em última análise, para que aconteça uma mudança no comportamento individual e que haja, sobretudo uma renúncia do pronome “EU” para o “NÓS”, é necessário o contato com a filosofia do velho mundo, com o objetivo de que as crianças cresçam humanizadas, afetuosas, expondo seus sentimentos. O escritor Rodrigo França em sua obra literária infantil afro-brasileira destaca como a filosofia africana está vinculada à união entre os seres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociedade brasileira está vivenciando um contexto de transformação. No entanto, ainda que esse processo seja gradual, está acontecendo de maneira lenta. A conquista através da Lei 10.639/03 é resultado de várias lutas e reivindicações do movimento negro para se ter um reconhecimento que é seu por direito. Contudo, o Estado, durante muitos anos o negou; perpassando as histórias narradas em produções que o colocava na posição de subjugado, oprimido.

Nesse viés, a ancestralidade do povo africano consistiu em uma anulação, na qual toda a representatividade cultural e histórica foi convertida em destruição. Por sua vez, os europeus eram considerados os únicos detentores das culturas. À custa disso, a estigmatização criada pelas ideias opressoras é resultado de racismo que, por sua natureza estrutural, acaba demarcando todas as esferas; sabendo que o mesmo está incutido na mentalidade humana.

A reprodução das ideias incutidas na sociedade provocou uma perpetuação da opressão, considerando-se que sua estratificação social foi cristalizada, resultando em uma subalternização do povo negro. Diante disso, notamos que o apagamento dos dominados desencadeou uma formação social hierárquica baseada na cor da pele.

Para transformar esse cenário, são necessárias narrativas que descortinem a memória a qual foi excluída pela História, omitindo ou propagando discursos distorcidos que norteava os colonizadores como o centro do poder. Concernente a isso, as abordagens enfatizadas pelas produções literárias são fundamentais para que aconteça a desconstrução dos estigmas, a fim de desarticular o racismo estrutural que é empregado como meio de poder ao separar a classe dominante dos dominados.

Nessa perspectiva, a introdução da Lei 10.693/03 como obrigatoriedade no ensino, está ligada a um viés de mudança, buscando reconfigurar as ideias e desconstruir as ideologias europeias, marcadamente segregadoras. Para isto, um dos recursos são os textos literários que transformam os espaços da minoria negra, reconfigurando os lugares de fala. Assim, surgem no contexto literário os enredos, entendendo a descolonização como um processo constante que exige a funcionalidade de políticas na desconstrução da cristalização opressora. Os enredos

decoloniais¹ afrodescendentes infantis propiciam as crianças, à formação de uma identidade positiva do seu povo. Com o perpassar do tempo, esses leitores mirins consolidarão seu posicionamento relacionado à participação do povo africano nos legados solidificados da nossa historiografia como a língua, religião, cultura, dança, comida, mineração e a agricultura, observando-se as contribuições que estruturam a história do país.

Em linhas gerais, a obra de Rodrigo França aqui em análise, contribui para a formação identitária positiva do “preto”, permitindo que as crianças possam vivenciar o que a historiografia negou, não admitindo que as crianças pretas pudessem ser príncipes e princesas com os traços negroides. O autor do livro enaltece sua beleza preta ao destacar os olhos, a boca e o nariz, ao passo em que a representatividade da autoestima está presente na produção. Diante disso, é possível inferir que o acesso ao conhecimento de uma representatividade positiva, tende a proporcionar, além da aceitação da descendência, uma mudança na autoestima.

¹Sobre a decolonialidade, Cf. **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico** / organizadores Joaze Bernardino-Costa, Nelson MaldonadoTorres, Ramón Grosfoguel. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, MG. Daniela dos Santos. **REVISTA INCLUSIONES**, [s/i] v. 8, nº especial – jan./mar. 2021. Disponível em: <https://url.gratis/P3H9zk>. Acesso em: 19 ago. 2021.

ALMEIDA, S. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón (org.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Inclusão. **História e cultura africana e afro-brasileira na educação infantil**/ Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. – Brasília: MEC/SECADI, UFCar, 2004.

BRAZ, Júlio Emílio. **Griot – Histórias Que Ouvimos na África**. Ilustrador: Mozart Couto. Melhoramento, 2012.

CADERMATORI, Lígia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

CHAVES, Natália Ferreira; SANTOS, Valdicélio Martins dos. **Representatividade negra na educação infantil**. 2018. Disponível em: <https://url.gratis/16Pmfg>. Acesso em: 26 fev. 2021.

CAMARGO, Luiza Alvares. Representação de personagens meninos na literatura negro brasileira infantil. Monografia (Graduação em Teoria Literária e Literaturas) – Departamento de Teoria Literária e Literaturas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

CAVALCANTI, Joana. **Caminhos da literatura infantil e juvenil: dinâmicas e vivências na ação pedagógica**. São Paulo: Paulus, 2002.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: Teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

COSTA, Marcelo Demétrio.; QUADROS, Sislaine da Silva. “A cultura preta na sala de referência”. **Revista Gepesvida**, [s/i], n. 17, v. 7. 2021.

DUARTE, Eduardo de Assis. “Literatura afro-brasileira: um conceito em construção”. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, 4018, Nº. 31, p. 11-23. 2008.

FRANÇA, Rodrigo. **O Pequeno Príncipe Preto**. Ilustração Juliana Barbosa Pereira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. “Literatura negra, literatura afro-brasileira: Como responder à polêmica?”. *In: Literatura afro-brasileira*. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

GNEKA, Georges. “A semente de baobá”. *In: A semente que veio da África*. 25. ed. São Paulo: Salamandra, 2005.

GRAHAM, Mekada. “O serviço social afrocentrado na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos”. *In: Afrocentricidade: Uma abordagem epistemológica inovadora/* Elisa Larkin Nascimento (org.). São Paulo: Selo Negro, 2009.

MARIOSIA, Gilmara Santos; REIS, Maria da Glória dos. “A influência da literatura infantil afro-brasileira na construção das identidades das crianças.” **Estação Literária Londrina**, [s/i], v. 8, p. 42-53, dez. 2011. Disponível em: <https://url.gratis/KLjmlzf>. Acesso em: 25 mar. 2020.

RAMOSE, Mogobe B. “Globalização e Ubuntu”. *In: Epistemologias do Sul*. Org. Boaventura de Sousa Santos, Maria Paula Meneses. – CES) ISBN 978-40-3738-7. Janeiro. 2009.

RODRIGUES, Walter Hugo de Souza.; PEREIRA, Arioaldo Lopes. “O pequeno príncipe preto: (re)descobrimo a ancestralidade e o afeto na perspectiva da educação antirracista”. Muiraquitã: **Revista De Letras E Humanidades**, v. 9, n. 2 Disponível em: <https://url.gratis/F4w3mm>. Acesso em: 03 fev. 2022.

RODRIGUES, Elaine Borges; ROSA, Ana Iara Dalla. **Literatura infantil e a descolonialidade**: uma análise da obra “o cabelo de Lelê. Disponível em: <https://url.gratis/l998Qx>. Acesso em: 16 out. 2021.

SANT’ANA, Antônio Olímpio de. “História e conceitos básicos sobre o racismo e seus derivados”. *In: Superando o Racismo na escola*. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação, 2005.

SILVA, Felipe Pereira da. Representação do negro na literatura infanto-juvenil de Ana Maria Machado. Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade) – Programa de Pós-graduação em Literatura e Interculturalidade, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2017.

SILVA, Wilker Solidade da. “A atualidade dos conceitos de ‘africanidades brasileiras’, ‘valores de refúgio’ e ‘enegrecee’da autora Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva para a pesquisa em educação”. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, v. 34, n. 69, p. 343-348, maio/jun. 2018. Disponível em: <https://url.gratis/aZThwY>. Acesso em: 21 out. 2021.

SOUZA, Leomar Alves de. “A autoafirmação da identidade negra pelo viés da ancestralidade africana em o pequeno príncipe preto, de Rodrigo França”. **Revista do Curso de Letras da UNIABEU**, Nilópolis, v. 12, Nº. 2, jul/dez., 2021. Disponível em: <https://url.gratis/yuB3a1>. Acesso em: 02 fev. 2022.

VASCONCELOS, Francisco Antonio de. "Filosofia ubuntu". *In: LOGEION: Filosofia da informação*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 100-112, mar./ago. 2017.

WALDMAN, Maurício. "O baobá na paisagem africana: singularidades de uma conjugação entre natural e artificial". *In: África: Revista do Centro de Estudos Africanos*, São Paulo, nº especial, p. 223-236. 2012. Disponível em: <https://url.gratis/xqmQza>, Acesso em: 15 out. 2021.

VIEIRA, Kauê. "Rodrigo França lança O Pequeno Príncipe Preto' e mostra que todo o menino é um rei". Disponível em: <https://url.gratis/wWLdSd>. Acesso em: 30 ago. 2021.